

O KOSOVO E A COMUNIDADE INTERNACIONAL

Kosovo: algumas lições

José Cutileiro

Diplomata, Secretário-Geral da UEO

1. A Aliança Atlântica foi capaz de se ocupar de uma crise ainda mais séria do que a da Bósnia atingindo os objectivos que se propusera, sem o apoio ou sequer a anuência da Rússia e da China e apesar de, em vários países aliados, opiniões públicas e seus mentores condenarem a operação. Assim, a Aliança, que nunca fora preciso empregar na tarefa que lhe dera razão de ser – defender-nos da Rússia soviética –, demonstrou a sua utilidade, saiu reforçada aos olhos de toda a gente e confortou a convicção daqueles que a consideraram insubstituível.

2. A operação militar propriamente dita mostrou que se pode, por assim dizer, ganhar uma guerra sem baixas do nosso lado (e com poucas baixas do lado oposto) se se dispuser de força aérea e armas de precisão adequadas. A Sérvia capitulou não tanto por perdas militares – menores do que se julgou na altura – mas porque a destruição de infra-estruturas e centros económicos vitais desmoralizou a população e, a continuar, faria perigar o governo. (Os danos colaterais, sem dúvida lamentáveis, foram pequeníssimos dada a extensão dos bombardeamentos. A aceleração da limpeza étnica, assim que os bombardeamentos começaram, veio a ser compensada por um regresso maciço ainda mais rápido logo que as forças sérvias retiraram). Dois factores exteriores contribuíram para o desenlace: a ausência de apoio efectivo da Rússia a Belgrado e a coesão dos aliados. Milosevic contara com a erosão desta e concomitante reforço daquele.

3. Durante a crise os europeus mostraram-se tão activos quanto os norte-americanos na elaboração e tomada de decisões políticas mas a sua fraqueza militar comparativa foi posta em evidência. Uma percentagem muito pequena dos bombardeamentos foi efectuada por europeus, capazes no geral apenas de acompanhamento e reconhecimento. Esta demonstração diária de incapacidade veio avivar a noção de insuficiência geral de armamentos em sentido lato – informação satelitária, grande transporte aéreo, comando e controlo, entre outros. Junta à constatação de uma participação política europeia significativa, contribuiu muito para a actual determinação de dotar a União Europeia de uma capacidade política de gestão de crises, directamente ou através de estruturas de comando e planificação da otan – e dos seus Estados-membros se dotarem das capacidades militares necessárias.

A assunção pelos europeus de maiores responsabilidades e encargos da sua própria defesa e segurança, que parece agora querer passar da retórica à prática, ficará a dever muito à crise do Kosovo.

4. Depois da capitulação sérvia a chamada comunidade internacional ocupa-se do Kosovo. Aí se instalaram a administração das Nações Unidas e a força militar da otan, kfor, além de várias outras organizações internacionais e não-governamentais. No Kosovo são precisos reconstrução económica, harmonização social entre as etnias, estabelecimento de lei e ordem e arranjos constitucionais aceitáveis por todos. Tarefas hercúleas dadas as condições locais e regionais, só Deus sabe quanto tempo levarão a

executar. Mas não há lugar para optimismo – o quadro, à partida, é ainda mais complicado do que era o da Bósnia e nesta permanece há anos uma força militar otan sem a qual toda a gente está convencida de que a guerra recomeçaria.

No Kosovo iremos ver muito provavelmente o mesmo e aí estará contida a lição mais importante deste caso: quando uma crise passa da tensão à violência, da disputa política à luta armada, a intervenção da comunidade internacional pode fazer parar os combates – mas tal paragem não passará de uma trégua, mantida enquanto a presença militar estrangeira a impuser. Entretanto não haverá progresso real na construção de paz duradoura pois cada uma das partes espera tirar desforço um dia, quando os estrangeiros se tiverem ido embora. Tudo isto custa rios de dinheiro em ajuda económica e social e em presença militar sem que cheguemos perto do resultado pretendido. Quer essa despesa quer a tragédia humana que a luta armada sempre acarreta poderiam ter sido evitadas se tivesse sido possível acalmar os ânimos a tempo. Por isso – depois da Bósnia, depois do Kosovo –, cada vez se torna mais evidente que é preciso reforçar na Europa os mecanismos e iniciativas dedicados à prevenção de conflitos.

Há de resto precedentes firmados, exemplos a seguir. Pela própria natureza do exercício o grande público não sabe deles mas na Letónia com a minoria russa, na Eslováquia e na Roménia com as minorias húngaras, na Macedónia com a minoria albanesa, por exemplo, foram evitados conflitos violentos graças em grande parte ao trabalho do Alto Comissário das Minorias Nacionais da osce cuja acção tem sido admirável na promoção do entendimento entre maioria e minorias no seio de cada país. Factores dissuasores gerais de crises violentas contam também na Europa: a proliferação de regimes democráticos, pertença à União Europeia e à otan ou vontade de lhes vir a pertencer; ou ainda o Pacto de Estabilidade para o peco proposto pela França em 1994 e o Pacto de Estabilidade para o Sudeste da Europa estabelecido este ano. Mas é preciso que mais seja feito, sobretudo pela União Europeia, dotada de vastíssimos recursos, em apoio à acção da osce ou directamente.

5. Para fechar com o Kosovo: desde 1992 que muitos previam uma explosão ali. Mas o facto dos albaneses da Albânia serem muito mais pobres do que os albaneses do Kosovo, e a estratégia de não-violência do Dr. Rugova, mantida sempre na expectativa de apoio internacional forte que obrigasse a Sérvia a ceder, contiveram as tensões durante alguns anos. Quando, porém, as pressões da comunidade internacional sobre Milosevic foram drasticamente reduzidas para estímulo e prémio da colaboração deste em Dayton, uma geração mais nova de kosovares perdeu a paciência e chegámos aonde estamos agora.

E esta é ainda outra lição: se há casos em que não será possível evitar conflitos armados só poderemos saber se essa impossibilidade é real depois de termos explorado todas as outras vias, o que não foi certamente o caso no Kosovo.